



COMO ERA GOSTOSO O MEU FRANCÊS. MULTICULTURALISMO E HEGEMONIA EM DEBATE

Alex Calheiros*

Décimo título da coleção "Cinema, teatro e modernidade", *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*, de Ella Shohat e Robert Stam, é leitura obrigatória para pesquisadores, estudantes e para o público interessado por estudos que se colocam no limite entre diversas áreas do saber. O livro é enfim traduzido para o português, após ter sido lançado há aproximadamente uma década nos Estados Unidos.

Shohat e Stam, ambos professores em universidades norte-americanas, possuem o mérito de trabalhar com rigor, inteligência e elegância incomuns. Interdisciplinar sem ser banal, erudito sem ser pedante, o livro consegue impor clareza a uma discussão que por vezes parece "batida".

O multiculturalismo permeia a discussão. Esse é um termo problemático, que pode se tornar gasto e esvaziado em debates acadêmicos, jornais ou revistas. Mas não se engane o leitor: para além da moda, o tema é urgente e o livro, exemplar no debate, chega em boa hora, pois numa sociedade de economia globalizada, vale dizer, neoliberal, ou as diferenças são estrategicamente eliminadas ou então são assimiladas, bem embaladas e colocadas à venda nos *shopping centers* das coisas exóticas.

Com um aparato crítico que perpassa múltiplas áreas do saber (teoria da comunicação, antropologia, história, sociologia, psicanálise etc.), e ancorados no domínio e conhecimento sólidos dos discursos e imagens produzidas ao longo do século XX, quando o cinema se tornou um meio de comunicação muito popular, os autores analisam e desvendam lugares-comuns do nosso imaginário audiovisual, identificando nele valores morais, políticos e estéticos, produzidos, representados, introjetados e, por fim, naturalizados. É, aliás, por causa da naturalização de tais valores que Shohat e Stam dedicam tantas páginas a essa crítica.

Esse não é um livro de cinema no sentido estrito do termo (de teoria ou história do cinema), mas sobre cinema num sentido amplo, na medida em que se vale desse (até mesmo da teoria e da história do cinema) para fazer a genealogia e especialmente a crítica da hegemonia de determinadas ideias (ou representações), que determinaram o jeito de ser e de pensar da sociedade contemporâ-

* Universidade de Brasília (UnB).

nea, no âmbito da cultura popular, abrangendo ainda meios como a propaganda e a televisão. O livro, para dizer tudo, refaz a história das ideias que formaram o imaginário contemporâneo, ou melhor, refaz a genealogia das ideias que venceram.

Um exame exaustivo e também uma boa reflexão são feitos acerca dos modelos de representação e autorrepresentação produzidos pela assim dita sociedade ocidental, além do modo como esses se tornaram cada vez mais tirânicos e excludentes em relação aos modelos ditos periféricos. No primeiro e segundo capítulos, "Do eurocentrismo ao policentrismo" e "Formação do discurso colonialista", os autores tentam esclarecer *quando* e *como* a ideia de uma sociedade ocidental surge. Partem da análise do nascimento do mito de uma cultura superior elaborada ainda no auge da civilização grega, quando foram criados os modelos ainda vigentes de política e cultura. É daí, segundo os autores, que derivam conceitos tais como os de raça, identidade nacional, Iluminismo, capital e suas oposições necessárias, terceiro mundo, quarto mundo, colônia e periferia.

A partir dessas definições, no terceiro e quarto capítulos, "O imaginário imperialista" e "Tropos do império", os autores desenvolvem a questão da representação ideológica, ou de como o cinema serviu de aparelho adequado para a necessária expansão do ideário imperialista. O livro varre a história do cinema, tendo como eixo o desenvolvimento e a construção desses discursos a partir de gêneros muito populares, como o faroeste, a ficção científica e os filmes de guerra e de aventura, e nos mostra como nesses filmes as representações de si e do outro foram longamente gestadas.

Além do cinema produzido pelo "Ocidente", ou, para usar as palavras de Ismail Xavier, da "Europa e seus prolongamentos bem-sucedidos" (entenda-se aqui especialmente os Estados Unidos e no que diz respeito em particular à indústria hollywoodiana), é abordada também a outra face da moeda: as ideias estéticas de representação e autorrepresentação dos filmes produzidos nos confins e para além da sociedade ocidental – África, Ásia, América Latina, Oriente Próximo e Médio –, e também pelas minorias excluídas no interior do próprio mundo ocidental de matriz eurocêntrica – negros, gays, mulheres, irlandeses, judeus etc. –, os quais, na medida do possível, fazem resistência a essa hegemonia, expostos no quinto, sexto e sétimo capítulos, "Estereótipos, realismos e luta por representação", "Etnicidades em relação" e "O cinema terceiro-mundista".

Desde o início, antecipando suas posições, os autores desenvolvem o conceito de "multiculturalismo policêntrico" como uma alternativa ao pluralismo liberal do termo "multiculturalista". A vantagem da sugestão de Shohat e Stam está em valorizar cada uma das culturas, em vez da relativização de todas elas. Porque é somente a partir dessas experiências de tensão e resistência que eles acreditam ser possível postular uma alternativa viável de dissolução da hegemonia eurocêntrica de representação, tema reservado ao último capítulo, "A estética da resistência", que traz à baila temas como a antropofagia cultural, o sincretismo como estratégia artística, as políticas de autorrepresentação de identidades e as tendências pós-modernas na arte contemporânea, todas elas contra-hegemônicas por natureza.

Por fim, é interessante lembrar um dos tantos exemplos dados no livro e que, aliás, serve de ilustração à capa dessa edição. Em *Como era gostoso meu francês*, Nelson Pereira dos Santos faz

uma crítica antropofágica do colonialismo, ao contar a história de um europeu capturado pelos índios tupinambás na costa brasileira, e que é incorporado na aldeia, tendo até mesmo uma esposa, Sebiopepe, viúva de um tupinambá morto pelos europeus. Na última sequência do filme, então, assistimos a Sebiopepe devorando o europeu, seu marido. A encenação de um ritual antropofágico na fita de Nelson Pereira dos Santos marca, exemplarmente, a proposta de Shohat e Stam, velhos conhecidos na academia brasileira, no interior do debate. Nas palavras dos autores, o filme sugere que o verdadeiro escândalo é o genocídio feito pelas culturas dominantes, e não o ritual de devorar uma representação "alegórica" do inimigo.

SHOHAT, E.; STAM, R. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. (Coleção Cinema, teatro e modernidade).